



## A EXPERIMENTAÇÃO DO VOLEIBOL SENTADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES AOS PROCESSOS DE INCLUSÃO SOCIOEDUCACIONAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

Aron Oliveira Vilete  
Maria das Graças Carvalho Silva de Sá  
Michelly de Menezes Garcia

### RESUMO

*Estudo de caráter qualitativo que visa a análise/discussão das contribuições do esporte adaptado para a inclusão das pessoas com deficiência física. A experiência ocorreu no projeto realizado em parceria com o LAEFA/CEFD/UFES no ano de 2011, voltado para a prática do voleibol sentado. Os sujeitos foram 08 pessoas com deficiência física oriundas da comunidade e uma professora de Educação Física. Na coleta de dados, utilizamos diários de campo e entrevistas. A análise de dados se baseou na análise de conteúdos. Os resultados apontam que a prática do esporte adaptado, como o voleibol sentado, potencializou a qualidade de vida dos praticantes, com destaque aos aspectos como socialização e autoestima dos envolvidos, contribuindo nos processos de inclusão socioeducacional.*

**PALAVRAS-CHAVE:** esporte adaptado; voleibol sentado; inclusão; deficiência física.

### INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo com o intuito de analisar e discutir as contribuições do esporte adaptado para pessoas com deficiência física, considerando os desafios que perpassam os processos de inclusão socioeducacional desta população. Este estudo foi concebido a partir de uma experiência concreta intitulada: *Voleibol sentado para pessoas com Deficiência Física*, realizado em parceria com o Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA), do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), localizado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), durante o ano de 2011.

Segundo Costa e Sousa (2004), a prática do esporte adaptado começou na cidade de Aylesbury, na Inglaterra, com o neurologista britânico Ludwig Guttmann, a fim de tratar homens e mulheres do exército inglês feridos na Segunda Guerra Mundial. A partir daí surgiram duas correntes para o esporte adaptado: uma com enfoque médico, apresentada por Guttmann, utilizando o esporte como ferramenta para a reabilitação de seus pacientes buscando amenizar seus problemas psicológicos e outra, com o enfoque na inserção social advinda dos Estados Unidos. Esta última corrente toma o esporte adaptado como forma de inserção social numa conotação competitiva do desporto.

Com o passar dos tempos, ambas correntes se aproximaram constituindo objetivos comuns ligados, segundo Varela (1989 apud COSTA e SOUSA, 2004), aos avanços da perspectiva médico-terapêutica e a incorporação da prática esportiva com foco no rendimento, na integração do atleta e sua reabilitação social.

Com base nestas considerações, optamos pelo estudo da prática do esporte adaptado, especialmente o voleibol sentado, por concebermos que esta prática corporal, por se fazer presente nos diferentes conteúdos existentes no âmbito da Educação Física, contribui na ampliação e na potencialização dos conhecimentos advindos de nossa cultura, colaborando assim, para a melhora na qualidade de vida de seus praticantes e, por consequência, para os seus processos inclusivos.

Nesse sentido, consideramos fundamental fomentarmos ações que visam identificar e analisar como estas pessoas se percebem socialmente e, também, a partir da prática desta modalidade, especialmente no que se refere aos impactos que esta experiência representa na vida de seus praticantes. Acreditamos que esta compreensão se faz impar quando pensamos numa sociedade que toma como premissa pressupostos de inclusão social, aqui compreendida como “[...] o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir papéis na sociedade” (SASSAKI, 1997, p. 41).

Outro aspecto relevante refere-se à contribuição desta experiência na formação inicial em Educação Física dos graduandos ali envolvidos. Em nosso entender, a possibilidade de vivenciarmos concretamente tais situações no decorrer de nosso processo de formação inicial, nos ajuda a melhor compreender como pensar/propor diferentes/diversos processos de ensino-aprendizagem na perspectiva da inclusão, bem como nos possibilita compreender este processo num ponto de vista menos estigmatizante e/ou preconceituoso em relação a esta população. Nessa perspectiva, nos apoiamos em Nóvoa (1992) quando ele nos alerta para o fato de que,

[...] a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, directamente articulados com as práticas educativas (p.28).

## METODOLOGIA

Este estudo se constitui como um relato de experiência que se apóia nos pressupostos qualitativos de carácter exploratório. Define-se qualitativo visto que concebe o ambiente

natural como fonte direta dos dados. Apresenta, também, uma preocupação maior com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto, bem como pelo fato dos significados que emergem no estudo terem uma preocupação essencial no mesmo (TRIVIÑOS, 1987).

Com relação ao estudo exploratório, o autor nos aponta que este permite ao investigador aumentar uma experiência em torno de determinado problema. O pesquisador planeja o estudo exploratório a fim de encontrar os elementos necessários que lhe permitam, em contato com determinada população, obter os resultados que deseja. Ainda nesta perspectiva, Gil (2007) nos afirma que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível possibilitando a consideração de vários aspectos relativos ao fato.

Os sujeitos dessa pesquisa foram 08 pessoas com deficiência física e uma professora<sup>1</sup> graduada em Educação Física, que auxiliou nas intervenções. Estas intervenções ocorreram às quartas-feiras entre 17:30 às 19:00 horas. O período de realização desse projeto de intervenção se iniciou com o projeto piloto no primeiro semestre de 2011. Ele se estendeu no segundo semestre com a estruturação do plano de intervenção. Nesse plano, foi estimado 8 intervenções realizadas na sala de capoeira do CEFD/UFES.

Os atendimentos eram feitos pelos professores coordenadores juntamente com os voluntários. Eles eram organizados da seguinte forma: dois monitores ficavam responsáveis por ministrar as aulas, auxiliados pela professora P, um monitor era responsável por fazer os registros fotográficos e os outros monitores apoiavam a coordenação da aula. Após cada aula, professores e monitores se reuniam e refletiam sobre os procedimentos didático-metodológicos utilizados nesse dia e planejavam a intervenção seguinte tomando como base os encaminhamentos dessas reuniões, como impressões, percepções da aula anterior, objetivos traçados, atividades propostas, com intento de reorganizar as atividades da aula de acordo com o interesse dos envolvidos e potencializar a nossa prática pedagógica, contribuindo, assim, para a formação de professores reflexivos.

A coleta de dados se deu por meio das observações e dos registros das aulas nos diários de campo e entrevistas<sup>2</sup> semi-estruturadas realizadas com quatro dos 08 participantes do projeto e com a professora.

---

<sup>1</sup> A fim de preservar a identidade da professora ela será identificada como P.

<sup>2</sup> A utilização de todos os registros de coleta de dados, como fotos, entrevistas e relatos foram autorizados pelos participantes do projeto a partir do Termo de Livre Consentimento Esclarecido.

Com relação a análise dos dados, nos apoiamos na perspectiva da Análise de Conteúdos (BARDIN, 2004) pela possibilidade de que esta técnica nos permite juntamente com o referencial teórico, compreender/analisar a contribuição do esporte adaptado, especificamente o voleibol sentado, aos processos inclusivos de pessoas com deficiência física.

Para efeitos deste estudo tomaremos como eixo de discussão o debate acerca da importância da prática do voleibol sentado nos processos de inclusão socioeducacional dos envolvidos. Para tanto, foram elencados quatro categorias de investigação:

1. Socialização. Nesta categoria, buscamos discutir acerca das ações socializadoras com foco na interação entre aluno/aluno e professor/aluno ocorridas durante os processos vividos no projeto do Voleibol Sentado, assim como a importância do esporte adaptado para a socialização dos sujeitos envolvidos e para seus processos inclusivos.

2. Autoestima. Nesta categoria, discutimos em que medida o esporte adaptado é fundamental enquanto uma ferramenta de interação e elevação da autoestima. Para tanto, destacamos que é de considerável importância a mediação pedagógica trazida pelo educador, no sentido de estimular a prática do esporte adaptado pelas pessoas com deficiência física, bem como gerar situações capazes de elevar a autoestima dos mesmos.

3. Qualidade de vida. Nesta categoria, por sua vez, discutimos a importância do esporte adaptado para potencializar a qualidade de vida dos envolvidos. Com isso problematizamos acerca do significado do tema qualidade de vida para os sujeitos envolvidos no projeto do Voleibol Sentado. Percebemos que os alunos aproximam a concepção de qualidade de vida com a idéia de saúde e compreendemos que, assim como a mesma, a concepção de saúde não se define de uma forma própria e estável, mas que abranje condições subjetivas relacionadas à contextos social, cultural, político e econômico distintos.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA

O projeto do voleibol sentado iniciou-se no primeiro semestre de 2011 em parceria com o LAEFA, do CEFD/UFES, como um projeto piloto a fim de buscar voluntários e pessoas com deficiência física para participarem. Esses sujeitos participantes do projeto eram provenientes da comunidade e, sua maioria, já tinha experiência com a prática do esporte adaptado, como basquete em cadeira de rodas e natação.

As intervenções foram ministradas pela professora de Educação Física. Inicialmente o foco destas intervenções, girava em torno, do reconhecimento acerca desta prática corporal, suas regras, fundamentos básicos, deslocamentos, limites e possibilidades na prática da modalidade, atividades a serem trabalhadas, além das semelhanças e diferenças com a modalidade convencional do voleibol.

No segundo semestre de 2011, os acadêmicos passaram a assumir a docência das intervenções, auxiliados pela professora. Neste segundo momento, o foco das atividades se centrou na ampliação do acervo cultural e motor de seus praticantes.

Para tanto, buscamos:

Conhecer os aspectos históricos dos esportes adaptados e do voleibol sentado a fim de que os alunos se entendam como sujeitos da ação;

Utilizar e desenvolver as suas potencialidades na prática do voleibol sentado;

Vivenciar os fundamentos do voleibol e a movimentação na prática do mesmo a partir de jogos para desenvolver a inteligência, criatividade e as capacidades motoras;

Vivenciar diversas possibilidades de prática do voleibol sentado, como o deslocamento, toque, manchete, cortada e saque;

Interagir coletivamente em situações de aula integrando, assim, alunos e professores.

No desenvolvimento da ação pedagógica, nos baseamos na abordagem de ensino da Educação Física crítico-emancipatória que tem como principal representante Elenor Kunz (1991), pelo fato de entendermos que nesta há uma importante ferramenta no sentido de “[...] preparar o aluno para uma competência do agir” (p.139).

A prática pedagógica fomentada nesta abordagem propõe emancipar os envolvidos devendo ser produzida em contexto significativamente lúdico, tendo como foco a formação de um sujeito ativamente apreendente, autônomo, levando em consideração suas dimensões afetivas, cognitivas, sociais e motoras (KUNZ apud CHICON; SÁ, 2010).

Nesse sentido, é papel dos professores fomentarem uma relação dialógica e problematizadora com os alunos visando a reflexão crítica acerca dos vários sentidos e significados que os jogos esportivos, em especial o voleibol sentado, (re) produzem aos seus envolvidos.

Com relação aos procedimentos didático-metodológicos, dividimos o conteúdo voleibol sentado em três sub-conteúdos que se articularam no decorrer do processo, a saber: fundamentos; conhecimentos técnicos e táticos; e a experimentação do jogo propriamente dito.

Foram propostas atividades com o intuito de estimular a utilização e o desenvolvimento das potencialidades dos alunos praticantes e oportunizar o desenvolvimento da inteligência e criatividade dos mesmos durante a prática. Procuramos estimular os alunos, durante as aulas, para que participassem criticamente das mesmas a partir de suas reflexões e, assim, fazer com que eles se sentissem sujeitos da própria prática. Essas ações se constituíram enquanto práticas “[...] socialmente regulamentada onde, no entanto, os participantes nas interações, de ambos os lados, devam ser considerados como sujeitos dessa ação” (KUNZ, 1991, p.138).

Iniciamos as intervenções no segundo semestre de 2011 apresentando aos alunos o contexto histórico referente ao esporte adaptado e ao voleibol sentado e expomos alguns vídeos em que evidenciavam a prática da modalidade a fim de que os alunos percebessem aspectos como regras, fundamentos básicos e limites e possibilidades que eles encontram na prática do voleibol sentado assim como várias outras pessoas encontram. Essa iniciativa foi tomada para que os alunos conhecessem esse conteúdo de uma forma mais aprofundada e se sentissem inseridos no contexto do processo de ensino-aprendizagem, sendo assim, sujeitos da própria prática.

Durante as intervenções, no decorrer do projeto, trabalhamos diversas atividades relacionadas aos fundamentos e jogos propriamente dito pensando em oportunizar aos alunos a vivência e a evolução na prática do voleibol sentado, além de momentos de interações entre professor/aluno e aluno/aluno a partir desse esporte, construindo e refletindo sobre experiências e conhecimentos vividos e adquiridos.

Para Kunz et al (1998, p.27) são essas “[...] interações que contribuem para o desenvolvimento da competência social do aluno, competência necessária não apenas para o sentido de cooperação e participação ativa e crítica no mundo, mas, também, nas relações imediatas entre professor e aluno”.

Cumpramos destacar que, ao longo do projeto, os alunos demonstraram evolução no aspecto procedimental do voleibol sentado, melhorando o trabalho com os fundamentos, estratégias e entendimento do jogo propriamente dito. Percebemos isso no trecho registrado:

*“[...] foi possível perceber uma grande participação, envolvimento e evolução técnica e tática<sup>3</sup> de todos os presentes, em especial do aluno F que estava ausente a um tempo. Por isso, acredito que conseguimos contemplar alguns objetivos do projeto e da aula proposta, que são: utilizar e*

<sup>3</sup> Quando dizemos evolução técnica e tática dos alunos, nos referimos ao como fazer, ou seja, aos movimentos feitos da melhor maneira possível economizando energia (técnica) e, também, ao o que fazer, isto é, a tomar decisões nas situações de jogo (tática).

*desenvolver as suas potencialidades na prática do voleibol sentado; vivenciar os fundamentos do voleibol (ataque/cortada, defesa/bloqueio) e o deslocamento na prática do mesmo a partir de jogos para desenvolver a inteligência e criatividade e as capacidades motoras; interagir coletivamente em situações de aula integrando, assim, alunos e professores”. (Diário de campo, n°6, 26/10/2011).*

Tais momentos se constituem enquanto fundamental para que o sujeito se sinta pertencente a esta prática, ao mesmo tempo em que esta o auxilia a ir além das suas limitações, desenvolvendo novas habilidades e alcançando níveis de desempenho nunca antes atingidos (SHERRILL, 1997 apud FERREIRA, 2006).

## A PRÁTICA DO VOLEIBOL SENTADO POTENCIALIZANDO AÇÕES INCLUSIVAS

### SOCIALIZAÇÃO

Neste item, buscaremos analisar e discutir acerca das ações socializadoras<sup>4</sup> com foco na interação entre aluno/aluno e professor/aluno percebidas nos processos vividos.

Corroboramos com Martins (2003) ao destacar que a interação entre os sujeitos envolvidos no processo é um elemento da inclusão e “[...] para que a interação ocorra necessário se faz o estabelecimento de vínculos, de uma interdependência entre os membros do grupo no qual a pessoas com necessidades educacionais especiais está inserida” (FOREST e LUSTHAUS, 1987; MARTINS, 1998; 1999 apud MARTIS, 2003, p.25).

Apresentaremos, portanto, as seguintes narrativas que exemplificam a contribuição do esporte adaptado para o processo de socialização dos sujeitos envolvidos.

*“Com certeza, contribui sim. Ajuda na disposição das pessoas né, a pessoa fica mais disposta, acho que a pessoa fica mais alegre, mais animada no convívio com as outras pessoas, fica mais disposta pra fazer mais alguma coisa”. (Trecho da entrevista com o aluno F).*

*“[...]eles começaram a conhecer outras pessoas, a se divertir, a sair junto, a ir ao cinema junto [...] Então sim, porque é até pra aumentar a própria autoestima, que eles sabem que têm uma pessoa que ta conhecendo agora e que a deficiência dela é diferente da minha, eu vou tentar ajudar ela no que eu posso e ela vai me ajudar no que ela pode e a gente vai ter uma vida, um ciclo de amizade, vai ter uma interação, um momento social, cultural diferente”. (Trecho da entrevista com a professora P).*

---

<sup>4</sup> O processo de socialização é aqui compreendido como “[...] o espaço privilegiado da transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças e das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento” (BELLONI, 2007, p.59).

Percebemos, o quanto é significativo o papel do esporte adaptado no processo de interação/socialização dos sujeitos. É nessa prática que eles trocam experiências, valores e culturas distintas fomentando o processo da inclusão. Portanto, a participação dos mesmos em jogos e esportes adaptados oportuniza o desenvolvimento do seu condicionamento físico, a dedicação em atividades de lazer, estilo de vida mais ativo, aprendizado de novas habilidades e colher experiências positivas no grupo e no ambiente social (ADAMS, 1985 apud BOAS; BIRN; BARIAN, 2003).

Ainda com relação à socialização dos sujeitos por meio do esporte adaptado, trazemos, também, na fala de outro aluno, como outras pessoas mudam os olhares e paradigmas quando o percebem praticando alguma modalidade de esporte adaptado, ou seja, ele adquire legitimidade social por meio dessa prática corporal que lhe dá visibilidade, como é possível observar na seguinte narrativa:

*“[...] às vezes tem gente que pára na rua fala ‘po te vi ontem jogando na televisão’, as pessoas te vêem diferente, né”. (Trecho da entrevista com o aluno L).*

Importante destacarmos, porém, que essa relação entre legitimidade social e a prática do esporte adaptado deve ser feita com considerável cuidado pelos professores de Educação Física e pelos praticantes, pois, como nos diz Carmo (2002), as adaptações no esporte não devem ser feitas com o intuito de demonstrar as capacidades/habilidades das pessoas ditas *deficientes* em comparação com os normais visando assegurar-lhes o reconhecimento social. Ainda segundo o autor, é fundamental não negar ao indivíduo, independente de sua deficiência, a possibilidade de ter acesso aos conhecimentos que ele também ajudou a construir sem “[...] negar seu estado de diferença, de desigualdade, porque é na diferença e na desigualdade que devem repousar as bases de nossas ações” (CARMO, 2002, p. 12).

Percebemos essa categoria da socialização, também, em várias situações de aula no projeto, como está destacado no seguinte trecho:

*“[...] foi possível perceber que [...] houve uma considerável interação entre a aluna B e os monitores do projeto. Com isso, podemos dizer que nesses momentos de aula estamos contemplando com um dos objetivos do projeto que é interagir coletivamente em situações de aula integrando, assim, alunos e professores”. (Diário de campo, n°3, 28/09/2011).*

Com isso, além do trabalho com fundamentos e regras, essas atividades também potencializaram a interação dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido,

A área da atividade física e do desporto adaptado desempenham um papel



muito importante no modo como os indivíduos com deficiências físicas adquirem a sua identidade desportiva e desenvolvem “projetos de corpo individuais” [...] Tal identidade adquirida na medida em que os indivíduos se tornam ativamente envolvidos na prática de um determinado desporto, interagindo com seus colegas de equipe ou com os companheiros de treino ao mesmo tempo que estão igualmente desenvolvendo uma consciência social global (FERREIRA, 2006, p. 148).

Conclui-se que a experiência com o esporte adaptado para essas pessoas, assim como no projeto do voleibol sentado, e a prática pedagógica bem dirigida e sistematizada do educador são fundamentais para o crescimento do processo de socialização entre os mesmos e, conseqüentemente, para a inclusão social.

## AUTOESTIMA

Com relação a categoria da autoestima, Villas Boas, Bim e Barian (2003) evidenciam que ela está diretamente atrelada a motivação dos sujeitos envolvidos. Nesse aspecto, os autores destacam Atkinson (2002) quando aponta que a motivação está ligada à direção do comportamento para um incentivo que produz prazer ou alivia um estado desagradável. A motivação contribui incentivando o comportamento dos sujeitos elevando o prazer e a satisfação ao realizarem suas práticas corporais.

Com as pessoas em situação de deficiência física não é diferente. Portanto, esses autores postulam ainda, baseando-se em Schmidt (2001), que a pessoa com deficiência física irá participar de uma atividade motora se houver interesse de sua parte. Porém, esse interesse pode ser estimulado, ou seja, pode haver uma motivação. Essa motivação/estimulo é proporcionado pela prática pedagógica do educador envolvido no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, é responsabilidade do educador promover a mediação<sup>5</sup> pedagógica entre seus alunos valorizando, para além dos aspectos cognitivos e motores, o aspecto subjetivo buscando proporcionar aos alunos se conhecerem e se perceberem como sujeitos historicamente e culturalmente construídos, capaz de se tornarem autores de suas próprias histórias e de suas próprias ações ressignificando-as, levando-se em conta seus limites e potencialidades. A importância da mediação pedagógica do educador na perspectiva da inclusão, como evidencia Chicon (2004), está em gerar um processo capaz de favorecer a

---

<sup>5</sup> Assim como Oliveira (1993 apud CHICON, 2004), entendemos mediação como “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação” (p.19). Em nosso estudo, por exemplo, a relação se dá entre o esporte adaptado, em especial, o voleibol sentado, e as pessoas com deficiência física. O elemento intermediário que faz a intervenção nessa relação é o professor.

participação dos alunos com deficiência nas práticas corporais e nas aulas de Educação Física, possibilitando-lhes acesso a cultura.

A partir desse estímulo, as pessoas com deficiência física se sentem consideravelmente motivadas ao perceberem a relevância das atividades e da aprendizagem em suas vidas, como afirma a professora P

*“(...) eles acham que só eles têm essa deficiência, só eles sofrem com aquilo, então a partir do momento em que eles conhecem o esporte, eles começam a acreditar que podem fazer algo independente do próprio movimento que eles fazem ou não”. (Trecho da entrevista com a professora P).*

Levando-se em conta a importância da mediação do educador, a professora P destaca sua experiência pedagógica na natação

*“Vou tirar pela natação aqui, tem muita gente aqui que sofreu acidente com arma de fogo e que não acreditava que hoje podia estar aqui nadando, então a natação é um bem? É. Trouxe um esporte adaptado pra eles? Sim. Mudou a vida deles? Mudou. Eles não acreditavam nem na própria autoestima deles. Isso cresceu bastante”. (Trecho da entrevista com a professora P).*

Entretanto, assim como aponta Carmo (2001 apud CHICON; SÁ, 2011), a ausência de uma mediação pedagógica bem sistematizada, na perspectiva da inclusão, leva a destruição da autoestima dos mesmos ao não conseguirem corresponder as exigências ficando, assim, relegados a segundo plano, sendo gradativamente excluídos.

Destacamos também, a partir da fala de um dos alunos, a relevância da prática do esporte adaptado e do estímulo por parte do educador nessa prática corporal para a vida do mesmo e dos outros alunos com deficiência física

*“Eu acho que se eu não fizesse esporte uma hora dessas eu não estaria aqui, eu ia tá por aí fazendo outra coisa, bebendo, fazendo coisa errada [...] acredito que o esporte mudou minha cabeça”. (Trecho da entrevista com F).*

O trecho evidencia a importância do esporte adaptado para a contribuição na estruturação da personalidade e do ânimo, bem como a reestruturação do bem-estar do corpo e da mente, assim como destacam Souza (1994) e Feijó (1998). Com isso, o esporte adaptado é fundamental enquanto uma ferramenta de socialização e elevação da autoestima, além de diminuir o sentimento de impotência e incapacidade das pessoas com deficiência física (COSTA; CUNHA; SANTOS, 2010).

## QUALIDADE DE VIDA

No que diz respeito a qualidade de vida, é importante destacar a concepção da mesma nesse estudo. Isso se deve ao fato de percebermos que a qualidade de vida, assim como evidencia Devidé (2002), tem dinâmica própria, pelo fato de estar relacionada à cultura local, fazendo, portanto, com que respeitemos as singularidades de cada comunidade e indivíduo evitando, assim, padrões conceituais.

Nesse sentido, reconhecemos que quando os alunos entrevistados destacam a qualidade de vida, estes se referem à saúde, como evidencia a fala de um dos alunos

*“A sua saúde melhora muito, depois que eu conheci o esporte adaptado minha vida melhorou noventa por cento, através do esporte”. (Trecho da entrevista com G).*

Com isso, é relevante destacar que a saúde não é um estado estável, mas um processo multideterminado para além dos fatores biológicos, mas também influenciado pelas condições subjetivas experienciadas no contexto social, cultural, político e econômico no qual os sujeitos estão inseridos (FREITAS, 2005). Nesse contexto, Guedes e Guedes (1995) baseados em Who (1978), postulam que “a saúde se identifica com uma multiplicidades de aspectos do comportamento humano voltados a um estado de completo bem-estar físico, mental e social” (p.19).

Para tanto, Mota (1992 apud DEVIDE, 2002) aponta que a educação para a saúde gira em torno do trabalho conjunto de diversos profissionais com a finalidade de ensinar as pessoas a realizar práticas que colaborem com a promoção da saúde. Com isso, a saúde passa a ser uma questão didático-pedagógica (DEVIDE, 2002).

Nessa perspectiva, a prática docente e a transmissão de conhecimentos proporcionam a possibilidade das pessoas se conscientizarem e assumirem práticas corporais que levem ao caminho de uma melhor qualidade de vida. Em especial, se tratando das pessoas com deficiência física, visto que elas buscam as práticas esportivas com o intuito de trazer benefícios e proporcionar novas vivências e conseqüente melhora em sua vida diária (MELO; FUMES, 2011).

Destacamos esses aspectos, também, nas falas de outros alunos do projeto

*“Eu acho que o esporte é muito bom pra saúde né, acho ótimo, principalmente para nós deficientes”. (Trecho da entrevista com F1).*

*“O esporte para mim é saúde. Antes eu morava no hospital, depois que eu conheci o esporte minha vida ficou uma maravilha”. (Trecho da entrevista G).*

Percebemos a considerável importância do esporte adaptado enquanto ferramenta potencializadora da qualidade de vida de seus praticantes contribuindo para a saúde e

melhoria de vida dos mesmos. Vale ressaltar que a prática do esporte adaptado pelas pessoas com deficiência física melhora a qualidade de vida nos seus diferentes âmbitos já destacados, no que se refere a socialização/interação, autonomia e autoestima.

Para tanto, Devede (2002) postula ainda que uma prática pedagógica em Educação Física comprometida com a melhoria da qualidade de vida deve levar os alunos a se exercitarem, desenvolverem conhecimentos sobre as práticas físicas e, sobretudo, a se conscientizar dando importância e benefícios para a suas vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do projeto nos foi possível perceber a relevância da prática do voleibol sentado para os processos de inclusão socioeducacional de seus praticantes, visto que esta experiência, para além de potencializar aspectos fundamentais na qualidade de vida destes, tais como socialização, autoestima e autonomia, fomenta, também, a possibilidade destes se reconhecerem enquanto sujeito/cidadãos de direito e de fato. Logo, possuem limitações em sua corporeidade<sup>6</sup>, mas também e principalmente, passam a conhecer melhor e a valorizar suas potencialidades. Sendo este o princípio fundamental da Educação Física Adaptada (EFA), no sentido de perceberem “[...] os limites e possibilidades dessas pessoas e tem como diretriz trabalhar com as potencialidades dos alunos” (SILVA et. al 2005, p. 71). Corroborando com essa ideia, destacamos um trecho do diário de campo

*“Nessa aula, percebi o quanto que é possível evidenciar e destacar as potencialidades dos alunos com deficiência utilizando o voleibol sentado como ferramenta mediadora desse processo. A partir desse esporte adaptado foi possível ver as capacidades motoras dos alunos com deficiência como a agilidade, a força, a coordenação. Exemplo disso é o aluno M que, apesar da deficiência, no jogo do vôlei sentado destaca-se sua força, agilidade nos movimentos e deslocamentos”. (Diário de campo, nº4, 05/10/2011).*

Assim, as pessoas com deficiência praticantes de atividades adaptadas apresentam mais possibilidades para interagirem com/em diferentes situações, realidades e condições/limitações de seus envolvidos, cuja percepção sobre a condição de deficiência se torna menos focada na limitação em si, e mais voltada a se pensar/produzir uma nova forma de se movimentar socialmente. Favorecendo, assim, a qualidade de vida de seus praticantes, especialmente nos aspectos da socialização, autoestima e autonomia.

---

<sup>6</sup> Concebemos corporeidade enquanto algo para além do ponto de vista biológico, sendo constituída pela cultura, pláticas e práticas sociais, ou seja, é o corpo enquanto produtor de discursos, vivências e experiências (SCORSOLINI-COMIN; AMORIM, 2010).

Para tanto, se faz necessário que no contexto destas práticas sejam fomentadas as inter-relações entre os envolvidos de forma que as possibilidades de mediações pedagógicas propostas centrem suas ações no diálogo e na problematização das ações que emergirem em contextos, com foco na reflexão crítica acerca dos vários sentidos e significados que esta prática produz na/para a vida de seus praticantes. Em nosso entender, tais ações se tornam singulares quando pensamos na formação de um sujeito ativo, autônomo e comprometido com uma sociedade que respeite e acolha a diferença. Corroborando com Pedrinelli,

A inclusão de crianças, adolescentes e adultos com deficiência em programas de atividades motoras promove um processo no qual tanto o professor como os alunos aprendem e ensinam, ou seja, todos são importantes e significativos, e quanto maior a diversidade, mais complexa e mais rica será a aprendizagem (2006, p.220).

## EXPERIMENTATION OF SITTING VOLLEYBALL AND ITS CONTRIBUTIONS TO THE PROCESSES OF SOCIOEDUCATIONAL INCLUSION OF PEOPLE WITH DISABILITIES PHYSICS: AN EXPERIENCE REPORT

### ABSTRACT

*Study qualitative to analysis/discuss the contributions of sport adapted for the inclusion of people with physical disabilities. Experience from the project was conducted in partnership with the LAEFA/CEFD/UFES in 2011, based on the practice of sitting volleyball. The subjects were 08 people with physical disabilities arising from the community and a Physical Education teacher. In data collection, use field diaries and interviews. Prioritized an analysis of data based on content analysis. The results indicate the practice of adapted sport, where the sitting volleyball, enhanced the quality of life of these individuals, with emphasis on aspects such as socialization and self-esteem of those involved, contributing in the process of social and educational inclusion.*

Keywords: adapted sport; sitting volleyball; inclusion; physical disability.

## EXPERIMENTACIÓN DE VOLEIBOL SENTADO Y SUS CONTRIBUCIONES A LOS PROCESOS DE INCLUSIÓN SOCIOEDUCATIVA DE LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD FÍSICA: UN RELATO DE EXPERIENCIA

### RESUMEN

*Estudo de análise qualitativo centrado en la discusión de las contribuciones del deporte adaptado para la inclusión de personas con discapacidades físicas. La experiencia ocurrió en colaboración con lo LAEFA/CEFD/UFES en 2011, basándose en la práctica de voleibol sentado. Los sujetos fueron 08 personas con discapacidades físicas de la comunidad y una profesora de Educación Física. En la recolección de datos, el uso diario de campo y entrevistas. La análisis de datos basado en el análisis de contenido. Los resultados indican*

*que la práctica del deporte adaptado, donde el voleibol sentado, mejorado la calidad de vida de estas personas, con énfasis en aspectos como la socialización y la autoestima de los participantes, lo que contribuye en el proceso de inclusión social y educativa.*

Palabras clave: adaptado sport; sentado voleibol; inclusión; discapacidad física.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BELLONI, M. L. **Infância, Mídias e Educação**: revisitando o conceito de socialização. Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n. 1, 41-56, jan./jun. 2007.
- CARMO, A. A. **Inclusão escolar e Educação Física: que movimentos são estes?** In.: Revista Integração: Educação Física Adaptada. Brasília, ano 14, Edição Especial, p.6-12, 2002.
- CHICON, J. F.; SÁ, M. G. C. S. **As abordagens pedagógicas da/na educação física**: algumas proposições para pensar as práticas docentes. In.: Metodologia do Ensino da Educação Física. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD), 2010, p. 24-60.
- \_\_\_\_\_, J. F.; SÁ, M. da G. C. S. de. **Educação Física e as possibilidades de inclusão**. In.: VICTOR, Sonia Lopes; DRAGO, Rogério; CHICON, José Francisco. Educação especial e educação inclusiva: Conhecimentos, experiências e formação. 1ª ed. Araraquara, SP. Junqueira e Marin, 2011, p. 166-184.
- \_\_\_\_\_, J. F. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão**: a práxis pedagógica. Vitória, EDUFES, 2004.
- COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. **Educação Física e esporte adaptado**: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios de integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.
- COSTA, L. H. da; CUNHA, L. A. da; SANTOS, V. G. **O esporte adaptado em Belém do Pará**: memórias, barreiras e perspectivas do basquetebol para cadeirantes. III Conceno, 2010. Castanhal, Belém.
- DEVIDE, F. P. **Educação Física, Qualidade de Vida e Saúde**: campos de intersecção e reflexões sobre a intervenção. Movimento, Porto Alegre, V. 8, n. 2, p.77-84, maio/agosto 2002.
- FERREIRA, P. **Exercício, auto percepções e bem-estar psicológica em praticantes com deficiência motora**. In.: RODRIGUES, D. Atividade motora adaptada: a alegria do corpo. São Paulo: Artes Médicas, 2006, p. 71-79.
- FREITAS, V. V. de. **A intersecção da Educação Física com a Educação em saúde** – Refletindo sobre a abordagem da saúde na escola. IX EnFEFE – Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 2005. Niteói, Rio de Janeiro.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GUEDES, D. P; GUEDES, J. E. R. P. **Atividade Física, Aptidão Física e Saúde**. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. V. 1, n.1, p. 18-35, 1995).
- KUNZ, E. **Educação Física**: ensino e mudanças. Ijuí: Unijuí, 1991.
- \_\_\_\_\_; (Org). **Didática da Educação Física 1**. Ijuí: Unijuí, 1998.
- MACHADO, G. V; PAES, R. R; GALATTI, L. R; RIBEIRO, S. C. **Pedagogia do esporte e autonomia**: um Estudo em projeto social de educação não Formal. Pensar a Prática, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 121, set./dez. 2011.
- MARTINS, L.A.R. **A prática da educação para a inclusão**: aprendendo a viver juntos. In.: MARQUEZINE, M. C.; (org). Inclusão. Londrina: Eduel, 2003.
- MELO, F. A. P. de; FUMES, N. de L. F.. **O desporto adaptado na cidade de Maceió/AL**. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <

[http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII\\_CONBRACE/2011/index](http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/index) >

NÓVOA, A. **Formação de professor e profissão docente.** In: NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa. 1992.

PEDRINELLI, V. J. **Por uma vida ativa:** a deficiência em questão. In.: RODRIGUES, D. Atividade motora adaptada: a alegria do corpo. São Paulo: Artes Médicas, 2006, p.215-227.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, R. H. R., SOUSA, S. B., VIDAL, M. H. C. **Educação física escolar e inclusão:** limites e possibilidades de uma prática concreta. Revista Especial de Educação Física – Edição Digital nº. 2 – 2005.

SCORSOLINI-COMIN, F.; AMORIM, K. S. **Em Meu Gesto Existe e Teu Gesto:** Corporeidade na Inclusão de Crianças Deficientes. Psicologia: Reflexão Crítica, p. 261-269. 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa -qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VILLAS BOAS, M. S.; BIRN, R. H.; BARIAN, S. H. S. **Aspectos motivacionais e benefícios da prática do basquetebol sobre rodas.** R. da Educação Física/UEM. Maringá, v. 14, n. 2, p. 7-11, 2. sem. 2003.